

## **A CONSTRUÇÃO DAS CONFIGURAÇÕES ESPACIAIS DAS COMUNIDADES RIBEIRINHAS DA AMAZÔNIA BRASILEIRA: O CASO DA COMUNIDADE CRISTO RESSUSCITADO, EM MANACAPURU, AM**

### **THE CONSTRUCTION OF SPATIAL CONFIGURATIONS OF THE RIVERSIDE COMMUNITIES OF THE BRAZILIAN AMAZON: THE CASE OF THE CRISTO RESSUSCITADO COMMUNITY, IN MANACAPURU, AM**

### **LA CONSTRUCCIÓN DE CONFIGURACIONES ESPACIALES DE LAS COMUNIDADES DE RIBEIRIN DE LA AMAZONÍA BRASILEÑA: EL CASO DE LA COMUNIDAD CRISTO RESSUSCITADO, EN MANACAPURU, AM**

*Maria Cristina Celuppi*, Doutora em Engenharia, Universidade Presbiteriana Mackenzie.  
*E-mail:* mariaceluppi@hotmail.com

*Célia Regina Moretti Meirelles*, Mestre em Arquitetura, Universidade Presbiteriana Mackenzie.  
*E-mail:* morettimeirelles@gmail.com

#### **Resumo**

O ribeirinho da região Amazônica enfrenta problemas para adquirir documentos de propriedade da terra, pois vive em áreas de proteção ambiental. A inclusão dos ribeirinhos dessa região, como da comunidade tradicional dos povos do Brasil, foi um avanço adquirido ao reconhecer que, se organizados de modo coletivo e sustentável podem conseguir documentos que estabelecem o direito de moradia nessas áreas.

Esta pesquisa tem por objetivo geral analisar as configurações espaciais das comunidades ribeirinhas e, como objetivos específicos, avaliar o modo de vida, a divisão do território em termos dos equipamentos comunitários e as técnicas construtivas tradicionais. Como método, aplica-se o contexto da revisão da literatura e o estudo de caso da comunidade Cristo Ressuscitado em Manacapuru, AM. As ferramentas foram visitas de campo com fotos e mapas dos equipamentos e habitações. A pesquisa conclui que a divisão do território sofre influências do ambiente, definindo o momento e o tipo de plantio. Já a divisão coletiva da terra da várzea é definida por relações de confiança e vínculos familiares. Os principais equipamentos da comunidade Cristo Ressuscitado são a casa de farinha, a escola, a quadra coberta e o campo de futebol. A comunidade apresenta grande parte das edificações em palafita por meio das técnicas construtivas tradicionais em madeira.

**Palavras-chave:** Configuração construtiva; Madeira; Ribeirinhos; Comunidades tradicionais; Cultura tradicional.

### Abstract

The riverside of the Amazon region faces problems to acquire documents of land ownership because they live in areas of environmental protection. The inclusion of the riverside dwellers in this region as part of the traditional community of the peoples of Brazil was a step forward when recognizing that, if organized in a collective and sustainable way, they can obtain documents that establish the right to housing in these areas. The general objective of the research is to analyze the spatial configurations of the riverside communities and, as specific objectives, the specific ones are to assess the way of life, the division of the territory in terms of community facilities and traditional construction techniques. As a method, the context of the literature review and the case study of the Cristo Ressuscitado community in Manacapuru AM are applied. The tools were field visits with photos and maps of the equipment and rooms. The research concludes that the division of the territory is influenced by the environment, defining the timing and type of planting. The collective division of the várzea land is defined by relationships of trust and family ties. The main facilities of the Cristo Ressuscitado community are the flour mill, school, indoor court and soccer field. The community presents most of the buildings on stilts using traditional wooden construction techniques.

**Keywords:** Constructive configuration; Wood; Riverside; Traditional communities; Traditional culture.

### Resumen

La ribera de la región amazónica enfrenta problemas para adquirir documentos de propiedad de la tierra porque viven en áreas de protección ambiental. La inclusión de los habitantes de la ribera en esta región como parte de la comunidad tradicional de los pueblos de Brasil fue un paso adelante al reconocer que, si se organizan de manera colectiva y sostenible, pueden obtener documentos que establezcan el derecho a la vivienda en estas áreas. El objetivo general de la investigación es analizar las configuraciones espaciales de las comunidades ribereñas y, como objetivos específicos, evaluar la forma de vida, la división del territorio en términos de

instalaciones comunitarias y técnicas de construcción tradicionales. Como método, se aplica el contexto de la revisión de la literatura y el estudio de caso de la comunidad de Cristo Resuscitado en Manacapuru, AM. Las herramientas fueron visitas de campo con fotos y mapas de los equipos y salas. La investigación concluye que la división del territorio está influenciada por el medio ambiente, definiendo el momento y el tipo de plantación. La división colectiva de la tierra várzea se define por relaciones de confianza y lazos familiares. Las instalaciones principales de la comunidad Cristo Resuscitado son el molino harinero, la escuela, la cancha cubierta y el campo de fútbol. La comunidad presenta la mayoría de los edificios sobre pilotes utilizando técnicas tradicionales de construcción en madera.

**Palabras Clave:** Configuración constructiva; Madera; Orilla; Comunidades tradicionales; Cultura tradicional.

## INTRODUÇÃO

**A**s comunidades ribeirinhas do sistema Solimões, no Amazonas, convivem com as constantes cheias dos rios, adaptando-se às transformações anuais, detendo um conhecimento que define sua sobrevivência.

Enfrentam problemas de mobilidade, de durabilidade da edificação, bem como de saneamento básico. Becker e Stenner (2008) observam que as dificuldades de acesso e transporte cotidianos dificultam a formação básica da concepção da arquitetura dessas comunidades, gerando um tempo mais longo de reconhecimento dos valores incorporados à cultura local.

Grande parte das comunidades ribeirinhas da região vivem em área de várzea, que se apresenta, segundo Fraxe, Pereira e Withoski (2007), como “uma alternativa de recursos se comparada aos ambientes de terra firme”, no entanto, em contraponto, constitui-se como um *habitat* de grande vulnerabilidade em vários aspectos, como a fragilidade frente às variações climáticas sazonais que transformam o território, por exemplo, o depósito de solo do Rio Solimões e a elevação da cotas máximas de inundações de nove para três anos e como observa Meirelles *et al.* (2019).

Na região amazônica, as várzeas dos rios tornam-se espaço de moradia e subsídio para subsistência dos moradores locais por meio do plantio e da criação de animais (FRAXE; PEREIRA; WITHOSKI; 2007). Da mesma forma, Lira e Chaves (2016) afirmam que grande parte das comunidades ribeirinhas praticam a exploração da área para sua sobrevivência, visto que dependem da pesca e do plantio, gerando uma exploração de baixo impacto ambiental e que, conforme as autoras, pode ser considerada como uso sustentável do ambiente.

Com base no exposto, a presente pesquisa tem por objetivo geral analisar as configurações espaciais da comunidade ribeirinha Cristo Ressuscitado, no município de Manacapuru, no estado do Amazonas.

## Método de análise

Para que a análise supracitada seja realizada, fez-se uma revisão da literatura sobre o tema, bem como um estudo de caso sobre a estruturação comunitária da referida comunidade.

Entre as ferramentas de análise, foram aplicadas:

- Vista em campo e redesenho dos mapas com auxílio do Google Earth.
- Análise dos equipamentos comunitários do local.
- Análise das técnicas construtivas vernaculares das edificações.

## RESULTADOS

### Caracterização da área de estudo

Localizado às margens do Rio Solimões e originado a partir de uma aldeia de índios Muras, o município de Manacapuru (Latitude: 03° 17' 59" S, Longitude: 60° 37' 14" W) foi fundado em 1786, mas é em 1984 que o município é elevado à categoria de "Vila" e desmembrado de capital amazonense, Manaus. Segundo o último censo do IBGE (2010), Manacapuru-AM (Figura 1) tem uma população de 85.141 pessoas e população estimada, no ano de 2017, de 96.460 pessoas, com área territorial de 7.336.579 km<sup>2</sup> (IBGE, 2016).

Manacapuru possui um PIB per capita de R\$ 14.054,42 (IBGE, 2014). Considerando a população total do município, apenas 5,7% das pessoas são ocupadas e a média mensal de salário é de 1,8 salários mínimos. Com relação à educação, a taxa de escolarização é de 92,3%, entre crianças e adolescentes de 6 a 14 anos. Em relação ao saneamento, apenas 23,7% das habitações apresentam condições adequadas de esgotamento sanitário (IBGE, 2010), o que reflete diretamente na qualidade de vida e saúde dos manacupuruenses.

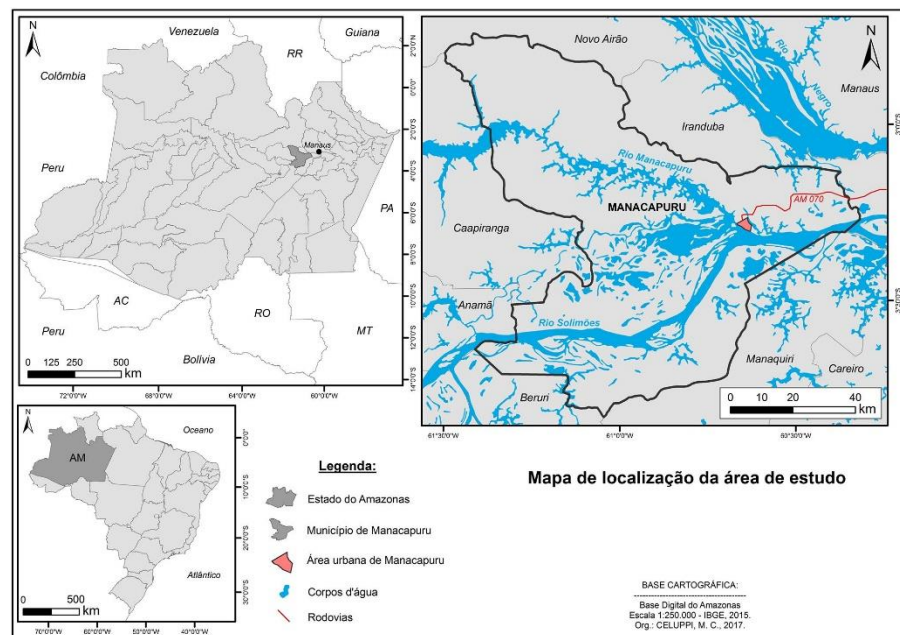


Figura 1: Mapa de localização do Município de Manacapuru. Fonte: Celuppi et al. (2019).

De acordo com Pereira (2011), a várzea do rio Amazonas foi a primeira fronteira de expansão da colonização europeia na floresta amazônica, onde o rio serviu de rota para a conquista da Amazônia, permanecendo ainda como fronteira entre a vida rural e urbana. “Normalmente, considera-se como várzea do rio Amazonas, a planície inundável de depósitos holocênicos, diferindo da terra firme, que são as proporções mais elevadas nunca inundadas pelo rio [...]” (PEREIRA, 2011, p. 13). As cheias fluviais no Amazonas são um fenômeno natural que faz parte da dinâmica dos rios da Amazônia (CRPM, 2017) e a alternância das fases entre secas e cheias, devido às variações do rio, é um fator que limita a vida nas várzeas dos rios, tendo consequências sobre a vegetação e a vida animal.

Neste complexo contexto de várzea, os moradores locais constituem seu lar, que é delimitado pelo regime de águas. No período de 1970 a 1996, a amplitude entre seca e cheia foi de 15 metros em Manacapuru (FILIZOLA *et al.*, 2002) e essas amplitudes anuais têm reflexo direto no *habitat*. Para Pereira (2011), as inundações periódicas tornam a várzea uma paisagem anfíbia, tendo em vista que, durante uma parte do ano, essa paisagem encontra-se submersa e em outro período, faz parte da vida terrestre. Ainda para o autor, a falta de sincronização entre o regime fluvial e o pluvial confere quatro “estações climáticas” no ecossistema de várzea, sendo elas: enchente (subida das águas), cheia (nível máximo das águas), vazante (descida das águas) e seca (nível mais baixo das águas).

### A vida ribeirinha e suas contextualizações

A vida no Amazonas é imposta pelos ritmos das águas. A bacia Amazônica possui uma vasta gama de ecossistemas, bem como uma rica diversidade biológica e

étnica. Possui mais de 5 milhões de km de floresta tropical – a maior do mundo – e abriga, aproximadamente, um quarto das espécies vegetais e animais do planeta (MARENGO; NOBRE, 2009).

Dentro desta vasta biodiversidade, escondem-se problemas de ordem política. O pequeno investimento do poder público em políticas de infraestrutura relaciona-se com a divisão socioterritorial do trabalho capitalista, que produz espaços visando o lucro, o que denota precariedade habitacional quase que absoluta. Em contrapeso a isso, a arrecadação orçamentária dos municípios da região amazônica é baixa, o que reflete em pouca capacidade de condução de políticas sociais, fazendo com que os moradores locais tenham, muitas vezes, condições precárias de vida (SANTANA, 2012).

Nesse cenário, a população instala-se às margens dos rios, o que significa facilidade para locomoção, por meio de barcos e canoas, conferindo ao rio o caráter estruturador da ocupação humana na floresta e sua principal fonte de subsistência e renda (OLIVERA JÚNIOR, 2006). Para o ribeirinho, o rio representa transporte, fonte de alimento, divisão do calendário, período de plantio e colheita, assim como o cenário de sua história (BRUGNERA, 2015). Todavia, ao pensar-se em cultura regional, o ribeirinho é evocado como identidade amazônica, em que se destaca sempre a importância do rio, que reflete em sua organização espaço-temporal e cultural (SILVA; DÓRIA, 2012). O habitante da várzea herdou a cultura indígena e constitui a maior parte da população rural da Amazônia (PEREIRA, 2011), habitando sobre as águas e fazendo suas próprias intervenções territoriais.

A forma de habitar em palafitas, características da região, não denota um problema, mas, sim, o modo de viver de pessoas que moram às margens do rio. A problemática nesse cenário dá-se no entorno da aplicação de políticas habitacionais de forma articulada a outras políticas, que devem priorizar pela disponibilidade de solo para habitação nas áreas alagáveis, com a finalidade de construir moradias adequadas a tal realidade.

Perdigão e Gayoso (2012, p. 121) afirmam que

a experiência de quem usa e produz o espaço construído sem códigos profissionais da arquitetura pode ser decodificada nos precedentes espaciais e pela consulta direta aos usuários, oportunizando a inserção das referências vernáculas e as respectivas implicações dos significados subjacentes ao espaço produzido.

Percebe-se, dessa forma, que as questões ambientais e culturais preconizam a construção das habitações na região amazônica e, a partir dessa biodiversidade ambiental e cultural, o caboclo ribeirinho constitui seu lar, sendo ele na várzea, em terra firme ou no rio.

Para Brugnera (2015), a paisagem cultural que constitui a calha dos rios do Amazonas, onde se insere a moradia do ribeirinho, é um ponto de tradição entre a casa, o trabalho e o lazer do caboclo. As casas são quase sempre cercadas pela vegetação e o ambiente é utilizado não somente como recurso, mas como base e

meio para toda a realização (NOGUEIRA, 2016). “[...] A paisagem é formada pela morfologia do espaço, pelas suas características topográficas, hidrológicas e de vegetação. É formada, também, por seus sons, texturas e cores” (BRUGNERA, 2015, p. 82). Observa-se que a casa do ribeirinho é o fruto de uma relação direta com o meio ambiente, desde a construção de sua casa, até a constituição de seu lar.

A casa de várzea dos rios alagáveis, compatibiliza-se com as oscilações dos níveis de água e por isso, grande parte das habitações ribeirinhas do Amazonas é construída com sistema de pilotis devido a tal oscilação (OLIVEIRA JÚNIOR, 2006) e nesse contexto, dois tipos de casa são predominantes no Amazonas: a palafita e a casa flutuante (Figura 2).



Figura 2: A. Casa de várzea Palafita; B. Casa de várzea Flutuante. Fonte: Celuppi et al. (2019).

As palafitas (Figura 2A) são casas de madeira, suspensas por esteios, ou seja, estacas de madeira que sustentam a construção (NOGUEIRA, 2016; SAMPAIO; LENCIONE, 2013). Encontram-se nas encostas dos rios e são construídas desta forma para que não inundem na estação de cheia. De acordo com Oliveira Júnior (2006), os fechamentos das paredes são, geralmente, executados em prancha de madeira e as coberturas variam entre palha de palmeira ou coqueiro, que atualmente estão sendo substituídas por coberturas feitas com telhas metálicas (CELUPPI *et al.*, 2019). Essa última opção de cobertura, embora signifique ambientes muito mais quentes, é utilizada devido à facilidade de transporte, leveza, pouca manutenção, bem como pelo *status* de prosperidade relacionado a tal uso. O rio influencia diretamente no interior das palafitas que se modificam por meio de marombas (um novo piso sobre o piso antigo), onde os moradores elevam o piso de suas casas a um nível máximo possível, até que sejam obrigados a desmontar sua casa e montá-la em outro lugar.

Já a casa de várzea flutuante (Figura 2B) fica ao lado da várzea, no curso das águas, e tem as mesmas características da palafita, porém, é construída sobre toras, o que confere a elas a possibilidade de deslocamento de seus locais originais e a sua flutuação com a variação do curso das águas. Sua maior característica é a possibilidade de oferecer maior flexibilidade, quando comparada a uma habitação estática nas margens do rio visto que pode ser rebocada por barcos nas épocas de cheia possibilitando-a ocupar lugares mais produtivos para o morador.

As comunidades ribeirinhas se organizam nas áreas de várzea de forma que a maioria das casas tenha fácil acesso ao rio, constituindo ainda um pequeno núcleo



em que se encontram igrejas, escolas e comércio (OLIVEIRA JUNIOR, 2009; CELUPPI *et al.*, 2019). É comum que a comunidade ribeirinha se empenhe como um todo para a realização de atividades pertinentes ao desenvolvimento da região, como a construção de casas, espaços comunitários, plantio e colheita das roças (CELUPPI *et al.*, 2019). Com base na experiência do habitar ribeirinho, pode-se perceber que a noção de casa perpassa todas as culturas e tradições, refletindo a própria cultura que a criou.

Percebe-se, dessa forma, que a vida do ribeirinho no Amazonas é imposta por diversos fatores. É influenciada pelas raízes do caboclo, passadas de geração em geração, pelo rio, pela floresta, pelo clima, pelas enchentes e pelas vazantes, pelos materiais disponíveis e pela falta de aplicação de políticas públicas, fatores que os levaram a adaptabilidade de suas vidas às condições impostas pelo local.

### **Organização sócio espacial da comunidade Cristo Ressuscitado**

De acordo com Meirelles *et al.* (2017), a Costa do Canabuoca situada em Manacapuru, contempla oito comunidades denominadas: Pesqueiro, Marrecão, Canabuoca 1, Canabuoca 2, Canabuoca 3, Vila do Jacaré, Nova Canaã e São Geraldo. Essa última faz divisa com o município de Anamá.

As comunidades Canabuoca 1 e Canabuoca 3 localizam-se em uma larga faixa de planície de inundação, diferentemente de outras comunidades onde essa faixa é estreita, por exemplo, a Comunidade Pesqueiro. As comunidades mais distantes ou aquelas que passam meses isoladas do centro urbano, devido às transformações sazonais do território, em geral, apresentam características sócioterritoriais diferenciadas, especialmente, para moradia e plantio bem como a localização dos equipamentos comunitários. A Figura 3 apresenta a localização da comunidade Cristo Ressuscitado, também conhecida como Canabuoca 3, em relação ao município de Manacapuru.

Em visita à comunidade, verificou-se que grande parte dos ribeirinhos não possuem documento de propriedade, visto que vivem em área de várzea, ou seja, em área de proteção ambiental. Em 2007, definiu-se a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais, no entanto, devido ao fato de que poucas comunidades ribeirinhas haviam solicitado o reconhecimento dessa legislação, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) editou, em 2016, uma cartilha ilustrada, denominada de “o ribeirinho e o território tradicional, regularização fundiária em terras da União” que visa atuar em três frentes: auxílio aos ribeirinhos para que se identifiquem como comunidade tradicional, direito de uso da terra pública (desde que esse uso seja feito de modo sustentável) e a organização do uso de modo coletivo.

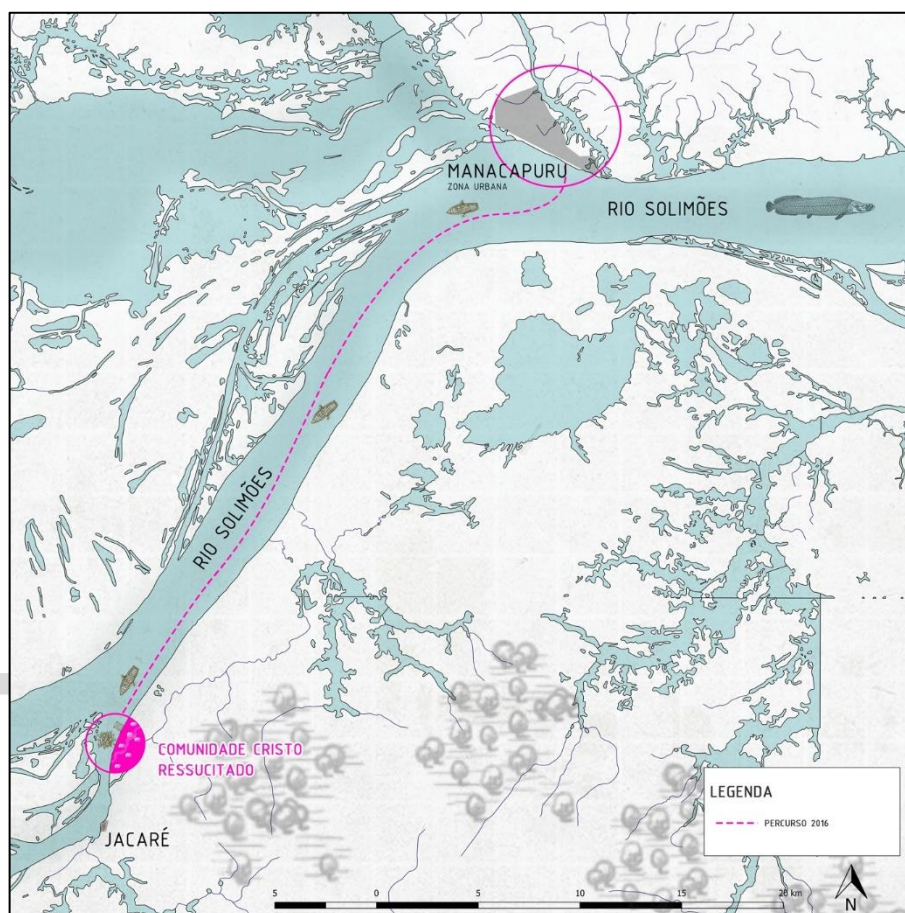


Figura 3: Localização da comunidade Cristo Ressuscitado (Canabuoca 3) - Manacapuru. Fonte: Elaborado pelos autores.

Nesse contexto, cada comunidade organiza-se para buscar os documentos de seu reconhecimento como uma comunidade tradicional e, em geral, especificamente na comunidade Cristo Ressuscitado, elegeu-se um líder a partir do qual estabelecem-se os contatos governamentais necessários. Da mesma forma é escolhido um local para os principais equipamentos da comunidade, como igrejas, escolas, posto de saúde e quadras esportivas que também são utilizadas como sede para reuniões comunitárias. Geralmente, tais equipamentos comunitários são estrategicamente situados em pontos mais altos, com vistas ao regime de cheias, conforme as Figuras 4 e 5, que apresentam a localização dos equipamentos comunitários da comunidade “Cristo Ressuscitado”, visão geral da localidade em época de cheia e imagens de tais equipamentos. As visitas ao local permitiram observar também, conforme já destacado por Lira e Chaves (2016), que essa configuração é definida pelos saberes culturais, em bases comunicativas e cooperativas dos ribeirinhos, pelo estabelecimento das suas relações sociais e de trabalho, bem como nas relações de parentesco e “compadrio”.



Figura 4: Configuração espacial da comunidade ribeirinha “Cristo Ressuscitado” – Manacapuru.  
Fonte: Elaborado pelos autores.

Nessa mesma configuração comunitária, a casa de farinha é destacada como um dos equipamentos mais tradicionais e é encontrada em todas as comunidades ribeirinhas de Manacapuru, tendo em vista que se apresenta como uma das principais produtoras da base alimentar do povo local (além do pescado), sendo assim, um equipamento tradicional, fortemente enraizado na cultura ribeirinha. Na Figura 5, pode-se observar também a manipulação da farinha pelos ribeirinhos.





Figura 5: Equipamentos comunitários de convivência da comunidade ribeirinha “Cristo Ressuscitado” – Manacapuru. Fonte: Elaborado pelos autores.

Quanto à educação nessas comunidades, especialmente as localizadas em zona rural, como a comunidade Cristo Ressuscitado, é oferecido aos estudantes a Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos (EJA); no entanto, para que tenham acesso ao Ensino Médio é necessário o deslocamento pelo rio, usando como meio de transporte o barco, o que denota a grande dificuldade, à qual os estudantes são submetidos quando buscam o acesso à educação.

Ainda como apresentado na Figura 5, pode-se observar o uso comunitário da quadra e do campo aberto, localizados junto à sede da comunidade e aos edifícios escolares, ambos utilizados para atividades comunitárias como treinamentos esportivos, reuniões de gestão da comunidade e seus festejos religiosos. Segundo Fernandes (2016), esses espaços servem para reforçar as tradições, bem como os fins políticos e econômicos.

Observa-se também nas Figuras 5 (2), a técnica construtiva da escola local, construída em palafita (elevada do chão), principal técnica utilizada na referida comunidade. A técnica aplicada pode ser considerada como uma tradicional nas comunidades ribeirinhas locais, definida pela edificação apoiada no solo por barrotes, que internamente tem o espaço definido pela tesoura de madeira apoiada em pilares, chamados de esteios. As vedações externas são definidas por tábuas de madeira posicionadas na vertical e no guarda corpo de proteção são aplicados elementos tramados em azul, que definem a identidade das escolas em Manacapuru, conforme visitas feitas ao local pelos autores.

No ano de 2017, identificou-se na comunidade Cristo Ressuscitado, 35 edificações das 53 famílias cadastradas como moradoras do local. Observou-se que 80% das edificações existentes na comunidade foram construídas na tipologia palafitas devido à larga várzea existente nesta região e as 20% restantes construídas na tipologia flutuante. Pode-se observar na imagem apresentada na Figura 5 (à esquerda), a situação da várzea em época de cheia com os equipamentos situados em área alagável, justificando, portanto, o uso de construções em palafitas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destacou-se neste trabalho a importância das legislações que integram as comunidades ribeirinhas como uma população tradicional, desde que organizados de modo coletivo e sustentável, evitando a vulnerabilidade destas comunidades.

Observou-se que é o meio ambiente que impõe alertas aos ribeirinhos com seu regime sazonal de cheias e vazantes, fazendo com que os mesmos configurem de modo coletivo a gestão da vida na várzea por meio do conhecimento tradicional das condicionantes locais, definindo o modo de produção alimentar. Da mesma forma, a colaboração comunitária e as relações familiares, são fatores de relevância na divisão territorial.

Os principais equipamentos encontrados nas comunidades são a casa de farinha, igrejas, mercearias, postos de saúde, escolas e equipamentos esportivos. As escolas são de grande relevância para permitir o entendimento dos ribeirinhos em relação a biodiversidade e a fatores da identidade cultural como comunidade tradicional, permitindo que o jovem defina um maior reconhecimento do uso dos materiais e das técnicas construtivas de modo sustentável. Os equipamentos esportivos como quadras auxiliam na valorização da cultura e a integração comunitária.

A comunidade Cristo Ressuscitado em Manacapuru, situada em larga faixa de inundação na calha no Solimões, pode ser tratada e definida como comunidade tradicional, desde que se comprove a gestão socioterritorial de modo coletivo e

sustentável. Naquela localidade, aplicam-se técnicas construtivas tradicionais em madeira nas moradias e equipamentos, em que, em média, 80% das edificações são construídas na tipologia em palafita e 20% na tipologia flutuante, técnicas consideradas vernaculares desta população.

## REFERÊNCIAS

- BECKER, B.; STENNER, C. **Um futuro para a Amazônia**. São Paulo: Oficina de texto, 2008.
- BRASIL. Lei n. 6040 de 7 de fevereiro de 2007. **Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm). Acesso em: 10 jun. 2019.
- BRUGNERA, A. C. **Meio Ambiente cultural da Amazônia Brasileira: Dos Modos de Vida a Moradia do Caboclo Ribeirinho**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo)— Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.
- CELUPPI, M. C.; MEIRELLES, C. R. M.; CYMROT, R.; BORST, B. A.; GOBO, J. P. A. Preliminary Approach to The Analysis of Climate Perception and Human Thermal Comfort for Riverside Dwellings. *In: The Brazilian Amazon. Journal of Building Engineering*, v. 23, p. 77-89, 2019.
- FERNANDES, U. R. V. et al. **Festejos de Santo Antônio do bairro da Terra Preta Manacapuru-Am**. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia)— Universidade Estadual da Amazônia, Manaus, 2016.
- FILIZOLA, N.; GUYOT, J. L.; MOLINIER, M.; GUIMARÃES, V.; OLIVEIRA, E. E FREITAS, M. A. Caracterização hidrológica da bacia Amazônica. *In: RIVAS, A. A. E.; Freitas, C. E. C. (orgs.). Amazônia: uma perspectiva interdisciplinar*. Manaus: EDUA, 2002.
- FRAXE, T. de J.; PEREIRA, H. dos S.; WITHOSKI, A. C. **Comunidades ribeirinhas amazônicas modos de vida e uso dos recursos naturais**. Manaus: EDUA, 2007.
- IPEA. Guia ilustrado. **O ribeirinho e o território tradicional, regularização fundiária em terras da União**. Brasília: IPEA, 2016.
- LIRA, T.; CHAVES, M. P. S. **Comunidades ribeirinhas na Amazônia: Organização sociocultural e política**. Interações, Campo Grande, v. 17, n. 1, 2016.
- MARENGO, J. A.; NOBRE, C. A. Clima da Região Amazônica. *In: CAVALCANTI, I. F.A.; FERREIRA, N. J.; SILVA, M. G. A. J.; DIAS, M. A. F. S. Tempo e Clima no Brasil*. São Paulo: Oficina de Textos, 2009.

- MEIRELLES, C. R. M. *et al.* **Processo Construtivo em habitação em Madeira.** Interfaces e rebatimentos nas populações ribeirinhas do Amazonas. Relatório técnico Científico, São Paulo: Mackpesquisa, 2017.
- MEIRELLES, *et al.* A problemática da urbanização na região amazônica: bairro da Correnteza em Manacapuru. *In:* PASQUOTTO, G. B; GULINELLI, É. L. (Orgs.). **Desenho Urbano.** Tupã: Anap, 2019.
- NOGUEIRA, R. L. B. Arquitetura Vernacular e Paisagem Amazônica: um Caminho na Busca pelo Habitar Poético. **Revista da Abordagem Gestáltica**, v. XXII, n. 2, p. 171-180, jul-dez, 2016.
- OLIVEIRA JÚNIOR, J. A. **Arquitetura Ribeirinha sobre as águas do Amazonas – O habitat em ambientes complexos.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Universidade de São Paulo, 2006.
- PERDIGÃO, A. K. A. V.; GAYOSO, S. Interpretações sobre a casa para produção de moradia. *In:* SANTANA, J. V.; HOLANDA, A. C. G.; DE MOURA, A. S. F. **A questão da habitação em municípios periurbanos na Amazônia.** Belém: Editora UFPA, 2012.
- PEREIRA, M.S.; WITKOSKI, A. C. **Construção de paisagem, espaço e lugar na várzea do rio Solimões-Amazonas.** Novos Cadernos NAEA, v. 15, n.1, p. 273-290, jun. 2012.
- SAMPAIO, M. R.A.; LENCIONE, S. **Casas do Brasil: Habitação Ribeirinha na Amazônia.** São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2013.
- SANTANA, J. V. Pequenas cidades na Amazônia: Desigualdade e seletividade no investimento da infraestrutura habitacional. *In:* SANTANA, J. V.; HOLANDA, A. C. G.; DE MOURA, A. S. F. **A questão da habitação em municípios periurbanos na Amazônia.** Belém: Editora UFPA, 2012.

## AGRADECIMENTOS

As autoras agradecem ao Fundo Mackenzie de Pesquisa (MackPesquisa) pelo auxílio financeiro que propiciou o desenvolvimento do presente estudo e aos moradores da comunidade ribeirinha Cristo Ressuscitado de Manacapuru AM, pelo acolhimento aos pesquisadores.